

AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DO MUNICÍPIO DE BABAÇULÂNDIA: UMA HISTÓRIA DE PERSEVERANÇA

Felipe Cerqueira Chaves¹, Otávia Borges Naves de Lira²

A construção das características das quebradeiras de coco babaçu de Babaçulândia está marcada pela sua importância cultural perante a comunidade na qual elas vivem. Este estudo convida a conhecer um pouco da história e das dificuldades e sonhos, e quem sabe, inspirar-se nas histórias dessas mulheres de coragem. Através de questionários abertos aplicados em uma amostra de 08 (oito) quebradeiras de coco babaçu, buscou - se conhecer o perfil dessas trabalhadoras, como estão organizadas, a contribuição para seu sustento e de suas famílias com a extração da amêndoa e do artesanato do coco babaçu. Além disso, visa favorecer a divulgação do trabalho da associação, transpondo as fronteiras do município, e despertar nas entidades governamentais ou não governamentais, fontes de fomentos, para assim minimizar as dificuldades encontradas nessa prestação de serviço.

Palavras-Chave: Babaçulândia. Quebradeiras de Coco. Trabalho.

The construction of the babassu nut breakers characteristics of Babaçulândia is marked by their cultural importance to the community where they live. This study invites to know a bit of history and the difficulties and dreams, and who knows to be felt inspired by the histories of these courageous women. Through applied open questionnaires in a sample of 08 (eight) babassu nut breakers, sought to know the profile of these workers, as they are organized, the contribution to support themselves and their families with the almond extraction and crafts of coconut babassu. It also seeks to promote the association work diffusion, crossing the municipality boundaries, and to awaken the governmental or non-governmental sources of encouragements, so as to minimize the difficulties encountered in this service provision.

Keywords: Babaçulândia. Coconut Breakers. Work.

¹ Acadêmico do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas, Econômicas e da Saúde de Araguaína; Av. Filadélfia, 568; Setor Oeste; CEP: 77.816-540; Araguaína - TO. E-mail: felipecerqueira@hotmail.com.

² Docente do Curso de Pedagogia, Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos - ITPAC/FAHESA; Av. Filadélfia, 568; Setor Oeste; CEP: 77.816-540; Araguaína - TO. E-mail: otaviaborges@uol.com.br.

1. INTRODUÇÃO

Justifica-se este estudo, para conhecer melhor as atividades das quebradeiras de coco babaçu e sua importância na comunidade, bem como o que representa para o sustento familiar a renda obtida através desse trabalho e a divulgação dos artesanatos produzidos.

A Associação das Quebradeiras de Coco - ASQC, de Babaçulândia, tem como objetivo manter a organização das atividades das quebradeiras, extrair o óleo de babaçu natural, fortalecer a comercialização, aumentar a renda familiar dos membros como meio de subsistência, formar melhores cidadãos, estimulando a participação na sociedade e integração nas atividades econômicas, resgatando assim auto-estima do associado; efetuar em benefício do seu quadro social com instituições financeiras todas as operações de crédito e financiamentos previstos em lei; qualificar a mão de obra em questão para melhores condições de trabalho, participar de feiras, exposições, supermercados e comércios em geral, promover a integração desenvolvendo um ambiente de interesse comum.

No primeiro momento, procura-se fazer uma contextualização histórica do trabalho das quebradeiras de coco no Brasil e no município de Babaçulândia, na sequência busca-se conhecer essas personagens, seus relatos, a importância dessa atividade para o aumento da renda familiar, a satisfação pessoal de cada quebradeira de coco, e a participação na sociedade.

2. CORAGEM E DIGNIDADE

Não se sabe ao certo o começo da história das quebradeiras de coco de Babaçulândia, cidade do interior do Tocantins. Mas a continuação dessa história foi tarefa designada para um pequeno grupo de mulheres. Ao todo são 16, são elas que preservam a memória desse grupo social, na base do machado e da coragem.

O presente estudo nasceu da vontade de contar a história das Marias, Elizabeths, Franciscas. Mulheres que conjugam juntas os verbos quebrar, trabalhar, sobreviver e existir; sempre com o mesmo objetivo direto: o coco babaçu. Em torno dele, ergueram uma associação, com ela, viram que a vida sempre pode melhorar.

Segundo o último censo agropecuário, a quantidade produzida e a variação percentual dos produtos da extração vegetal e da silvicultura no Brasil em 2009-2010 revela que o Babaçu (amêndoa) teve uma produção de 109.299 (t) e em 2010 106.055 (t) com uma variação de (-) 2,9. (IBGE, 2010).

Para se juntar tanta amêndoa assim, é preciso quebrar muito coco. E no caso das toneladas produzidas em solo tocantinense, boa parte veio das mãos das quebradeiras de coco de Babaçulândia, a terra do babaçu.

Babaçulândia já teve seus dias de glória de babaçu, época em que quase todas as atividades econômicas giravam em torno dessa castanha. Com o dinheiro do coco famílias se sustentaram, compraram casa, terra, e gado. A riqueza do babaçu entrou em declínio a partir da década de 80. Quem pôde, procurou outra fonte de renda para sobreviver, quem não pôde, refugiou-se na Vila Palmatuba e quebrou mais coco para continuar sobrevivendo. Antes vendido a peso de ouro, hoje só vale 0,50 centavos o Kg.

Mas um grupo de mulheres não desistiu do babaçu, embrenha-se dia após dia na mata, atrás do melhor coco para fazer azeite, carvão e artesanato para vender em Babaçulândia. Com movimentos firmes e rápidos, quebra dezenas de cocos por dia, todo santo dia.

A profissão de quebradeiras de coco é uma tradição entre gerações: a avó quebrava coco, assim também, a mãe e as tias. É com o babaçu que criaram seus filhos, ergueram suas casas e ainda o fazem.

Quando as quebradeiras de coco pensavam que a vida não lhes guardava surpresa alguma, elas aprenderam a fazer artesanato. A partir dessa ideia, criaram, em 2003 a Associação das Quebradeiras de coco de Babaçulândia.

O papel das quebradeiras de coco babaçu de Babaçulândia é importante para a cidade, pois atrai visitantes, pesquisadores, para conhecer os produtos derivados do coco, o óleo e o artesanato, indispensáveis para o crescimento cultural e econômico da cidade.

3. QUEM SÃO ESSAS PERSONAGENS

Um grupo de mulheres que não desistiu do babaçu, sendo 62,5% em idade entre 41 a 50 anos, 87,5% são casadas e 75% possuem até 6 filhos, tem baixa escolaridade, das quais 37,5% nunca foram à escola e 62,5% cursaram o ensino fundamental. Nascidas e criadas em Babaçulândia- Tocantins é o lugar que elas escolheram para morar.

Aprenderam a quebrar coco desde criança com incentivo da mãe ou da avó, elas aprenderam também a ter respeito pelo coco babaçu, e descobriram que não é só azeite e carvão que o fruto produz, afinal, quem diria que também se faz arte com o coco babaçu? "Olhe que nunca tinha pensado que o coco babaçu podia virar artesanato!", diz Dona Raimunda.

A perspectiva de mudança devolve àquelas mulheres o direito de sonhar, e elas sonharam as mais diversas peças de artesanato de babaçu.

Mulheres que viram o seu trabalho sendo valorizado pela sua arte, a sua nova forma de renda e sustento para a família.

Vem de Euclides da Cunha (2003), uma das melhores definições do homem do sertão. "O sertanejo é, antes de tudo, um forte", sentenciou.

As quebradeiras de coco de Babaçulândia têm sua bravura herdada da história do sertanejo.

Todas têm pai, mãe ou avô que veio se instalar em Babaçulândia, fugindo da aridez do sertão nordestino, então uma quebradeira de coco é, antes de tudo, forte.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa constitui-se de um estudo de caso sobre as quebradeiras de coco babaçu do município de Babaçulândia: entraves e perspectivas.

A decisão pelo estudo de caso foi por se tratar de uma investigação empírica, que pesquisa um fenômeno dentro do seu contexto real, com pouco controle do pesquisador sobre eventos e manifestações dos acontecimentos. Sustentada por uma plataforma teórica, reúne o maior número possível de informações, em funções das questões e proposições orientadoras do estudo, por meio de diferentes técnicas de levantamento de dados e

evidências: observação, observação participante, entrevistas, questionário, pesquisa documental (MARTINS, 2006). O mesmo autor descreve que, mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado - problema da pesquisa -, o estudo de caso possibilita a penetração de uma realidade social, não conseguida plenamente pela avaliação quantitativa.

Complementa Martins (2006) que o estudo de caso começará com a permissão para realizá-lo e um plano incipiente - uma carta de intenções que vai delineando-se mais claramente à medida que se desenvolve. Na seqüência serão planejadas ações necessárias para todas as fases de um estudo de caso: etapa exploratória, planejamento, coleta de dados e evidências, análise dos resultados e confecção do relatório.

Foram aplicados questionários compostos de 14 (quatorze) perguntas abertas a 8 (oito) quebradeiras de coco pertencentes à Associação das quebradeiras de coco do município de Babaçulândia, composta de 16 (dezesesseis) membros.

O questionário foi preenchido pelos pesquisadores, por existir um grupo de pessoas analfabetas, o mesmo foi lido e explicado, antes das respostas e após as respostas. A partir da coleta de dados, os mesmos foram analisados no decorrer do processo e elaborados relatórios que, ao final das fases, foram transcritos e consolidados, gerando um parecer final, para cruzamento de dados e impressões provenientes da avaliação de registros.

Na sequência, foi elaborado um artigo no modelo relato de casos para cumprir as exigências da disciplina TCC - Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de Pedagogia da FAHESA/ITPAC.

5. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Afinal, quebrar coco babaçu requer preparo, é preciso ter olho clínico para ver de longe os melhores cocos. Só então, a quebradeira os derruba. Quando consegue juntar uma boa quantidade de coco, inicia o ritual da quebra.

Sabe se uma quebradeira, quando era criança sonhava em seguir uma profissão. Talvez quisessem ser professoras ou enfermeiras, mas a

falta de opção e a tradição fala mais alto. Algumas nem tiveram tempo de imaginar numa outra profissão.

“Pensava que ia trabalhar assim num escritório, trabalhar de professora, um serviço bom, que a gente num pegasse muito no sol, num pegasse no pesado”, recorda Elizabeth Francisca de Souza, 41 anos.

Dona Maria Zélia Moura, de 52 anos, nem sequer planejou no que trabalharia. “Quando eu era criança, não sabia o que queria ser quando crescesse”, diz. Já a sua filha Quelia Moura da Silva, 47 anos, sabia muito bem, “quando eu era pequena eu sempre falava em ser professora, mas não alcancei isso não, eu estudei só até a 3ª série, a gente morava no sertão, meu pai pagava professora particular, era muito difícil, depois que eu já tinha uns 11 anos, eu comecei a sair para estudar fora. Estudei um ano fora, aí quando estava terminando o ano, a escola fechou”, ela vai contando o sonho até que a sua filha mais nova interrompe. “Eu quero é ser doutora” dispara Pedrina Silva, filha de Quelia. “Pedrina é muito inteligente, estudando direitinho ela chega lá”, diz a mãe.

Herança de mãe para filha, geração após geração, o coco vira companheiro por toda vida. É normal ver cocos amontoados na casa de uma quebradeira. No quintal de Maria Zélia, por exemplo, há um montão de coco à espera do machado.

Em Palmatuba antiga Vila de Babaçulândia, alagada agora com a construção da hidrelétrica de Estreito- MA, o carvão de babaçu substituíu o botijão de gás convencional. “para fazer carvão, você coloca o coco verdinho no fogo e ele queima. Ele (o coco) verdinho sai um bom carvão, inteirinho. Quando ele é colocado pra queimar, ficam só aquelas labaredas, e depois vira as brasas. Pega, joga água e abafa com as palhas do coco e joga areia por cima. Pronto, aí abafa e só no outro dia. É bom o carvão do coco”, ensina, Maria Zélia.

Palmatuba ganhava um perfume diferente às sextas feiras. Era o dia em que as quebradeiras de coco se dedicavam à transformação do babaçu em óleo, que sobe do tacho em efervescência, o aroma saía janela a fora e ganhava a rua.

Anunciava aos quatro cantos que tinha azeite fresco na praça.

Cada quebradeira de coco de Babaçulândia produz em média 8 (oito) litros de azeite por semana, aos sábados, ao raiar do sol, elas já estão equilibrando nas cabeças e nas mãos as garrafas de óleo, marchando em direção a feira da cidade.

“Eu cheguei a Palmatuba com a idade de 8 anos, em 1944. Vim do Piauí, minha mãe não sabia quebrar coco, mas foi aprendendo. Eu ia para a escola, só de vez em quando quebrava coco com a minha mãe. Ela ia tirando as fatiazinhas de coco para eu aprender a quebrar. Até que aprendi a quebrar. Quando eu tinha 12 anos eu já quebrava 10kg de coco por dia. Depois que eu casei, com 14 anos, quebrei mais coco ainda.” diz Raimunda Ferreira Rodrigues, 43 anos.

“Aqui o babaçu é o sustento das famílias. Uma pessoa que vem da cidade não sabe como fazer para pegar coco, quebrar. Mais aqui você pega uma criança e ela já sabe a quebrar coco. Já se aprende desde criança. Eu ia pra mata mais a minha mãe e ajudava”, explica Quelia Moura da Silva.

Quem tira do coco sua sobrevivência reconhece sua grandeza e por isso lhe é muito grato. “É muita coisa, o babaçu é muita coisa para nós, é dele que a gente tira nosso custo de vida. E tem vez que ainda sobra até um dinheirinho pra outras coisas ainda, já comprei até uma televisão e uma geladeira”, conta dona Maria Zélia.

Elizabeth Moreira, a Beth, faz coro. “O babaçu não deixa ninguém na mão. Durante todo o ano tem coco, tem tempo que tem menos coco, tem ano que dá mais, mais faltar não falta.”

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As quebradeiras de coco de Babaçulândia poderão vencer as dificuldades encontradas, sustentar sua família com a continuidade da extração da amêndoa, produção do óleo, carvão e da confecção de artesanato da palha e do coco, porém se houver fomento por parte de iniciativas governamentais e não governamentais, para garantir essa prestação de serviço, assim como a divulgação do artesanato, rico em histórias e preservação da cultura regional, poderá fortalecer a associação das quebradeiras de coco babaçu do

município de Babaçulândia - Tocantins, e assim fazer com que minimizem as dificuldades encontradas.

O sentimento de perda do espaço comunitário inundado com a barragem da hidrelétrica de Estreito- MA, é de muita tristeza e saudades, com a perda de suas casas. Nas histórias contadas percebe-se o desabafo em dizer que com as águas inundando a terra, inundou também os seus corações. Concordam que é preciso ter desenvolvimento, mas com ele, vem também destruição do meio ambiente, principalmente o caso das palmeiras de babaçu.

Ficam registrados esses relatos de experiências, apontando para mais estudos nesse sentido, envolvimento e apoio da sociedade, para a consolidação da profissão.

Como dizem as quebradeiras de coco “nem só de coco vive uma quebradeira, mais que ele ajuda, isso ajuda!”

7. REFERÊNCIAS

IBGE. Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Agropecuária, Produção de Extração Vegetal e da Silvicultura 2009-2010. Acesso em: 16/09/2011, Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pevs/2010/default.shtm>

CUNHA, Euclides. Os Sertões: Campanha de Canudos. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Estudo de Caso: estratégias de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2006.